

**RECENSÃO CRÍTICA A *EL OCEANO DE FRONTERAS INVISIBLES*:
*RELECTURAS SOBRE (¿EL FIN? DE) LA ESCLAVITUD EN LA NOVELA
CONTEMPORÁNEA DE DAIANA NASCIMENTO DOS SANTOS***

Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha¹

“As obras literárias não estão fora das culturas, mas as coroam, e na medida em que essas culturas são invenções seculares e multitudinais, fazem do escritor um produtor que trabalha com as obras de inúmeros homens”²

A necessidade de favorecer e ampliar as possibilidades de aprendizado, de criação e difusão pública da arte e das manifestações culturais, em meio à civilização das urgências e da massificação, com produtos industriais onipresentes e homogêneos, induziu ao aparecimento de ações culturais que tem, em princípio, diferentes características ou funções, dentre elas a mais significativa, e razão do objetivo primeiro desta investigação, o resgate, a preservação.

Nesse sentido, compreende-se a clareza e profundidade da afirmação em epígrafe. Rama, ao observar as relações entre obras literárias e culturas, manifesta, sobretudo, a importância do olhar e do ofício do escritor como agente das experiências de vida, de mundo e de manutenção do dinamismo que concretiza a experiência cultural e plural de determinadas comunidades, de seu fazer existencial e de sua concretização por meio de linguagens igualmente múltiplas.

Essa é a grande revolução: concretizar, entender, eternizar Essa é a tarefa do tempo e da cultura: trazer à baila e à reflexão as inúmeras relações que podem advir do estar no mundo, do estar em contínuo e dinâmico processo de reconhecimento de lugares e identidades que se ocupa e, ao mesmo tempo, preenche ...

Assim,

¹ Professora da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: betinarrcunha@gmail.com

² RAMA, Ángel. “Literatura e cultura”. In: AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. *Ángel Rama. Literatura e Cultura na América Latina*. São Paulo: EDUSP. 2001. P.247

Reflexionar sobre la escritura y sobre el imaginario de nuestro tiempo, en particular desde este nuestro tiempo consciente de su caminar con un ritmo plural, moderno, premoderno y posmoderno, no puede ser realizado sin insistir en describir el lugar desde donde se habla o se reflexiona y sin dejar de inscribir el lugar desde donde se habla en aquello que se habla.³

Pensando com Achugar, a partir desta observação, refletir sobre a escritura, a literatura, e eventualmente até o cânone, implica, antes de tudo, considerar as relações entre a crítica literária e o lugar do qual o crítico emite seus juízos e olhares, deixando aí, já de antemão, uma parcialização e um recorte implícitos e correspondentes às especificidades e caminhos delimitados por esse crítico.

Por outro lado, a crítica tradicional – ortodoxa, compartimentada em rótulos, visões circunstanciais, recortes e pormenores que, muitas vezes, cristalizam o objeto e a análise literária - acaba por não privilegiar aspectos importantes do entendimento e das reflexões estéticas e artísticas, valorizando somente produções simétricas e isomorfas, alinhadas a juízos de valor padronizados que desconsideram as relações e ambigüidades inerentes ao próprio homem, ao seu processo contínuo de se reconhecer e se construir a partir dos elementos e contradições que o identificam e, ao mesmo tempo, justificam sua busca, sua expressão e suas manifestações culturais.

Nesse sentido, este trabalho espera revisitar as interrogações e exercícios escriturais significativos de culturas distanciadas de um eixo convencional, cujos conteúdos revelam aspectos de uma essência dinâmica, plural e reveladora de um Outro – às vezes desconhecido, às vezes obscuro ou hermético ou lacunar, mas essência de um Eu que busca se impor e se conservar pela palavra e por uma escritura substantiva - e que, alinhados pela pesquisadora Daiana Nascimento dos Santos, em *El oceano de fronteras invisibles: relecturas históricas sobre (¿el fin? de) la esclavitud en la novela contemporánea*, Madrid: Editorial Verbum. 2015, recuperam o tema da memória da escravidão na América Latina, a partir de inúmeros recortes, dentre eles as relações oceânicas. Esta investigação-provocação, pautada pelos caminhos dos Estudos Culturais, carrega, nas suas tramas interdisciplinares, inúmeras relações entre história e literatura, pelas quais insiste em legitimar a valorização das origens, das tradições, do local e do africano, do fronteiriço e do universal como elementos

³ ACHUGAR, Hugo. *La Biblioteca em ruínas: Reflexiones culturales desde la Periferia*. Montevideo, Ediciones Trilce, 1994. P.29

imprescindíveis para se determinar e reconhecer as identidades recriadas, sobreviventes ao esmagamento de uma voz e de um passado de colonização, de subversão e de resistência. Esse olhar renovado e promissor de um diálogo cultural que abala as hegemonias discursivas destitui a cristalização canônica, colonial, alçando o “anticânone” (assim considerado pelos mais tradicionais e ortodoxos...) à condição de um olhar privilegiado da cultura e do “elogio da diferença”.

Nesse caminho, as reflexões apontadas pela pesquisadora delineiam análises do imaginário de quatro obras, a partir de uma prioridade interpretativa, ou seja, as conotações da escravatura e suas relações com imagens da África.

Tais conotações, sobretudo por estarem relacionadas primordialmente com a África-mãe, sofrem uma mudança a partir da forma como essa memória ou imagem foi construída e, nesse sentido, a pesquisadora esclarece os termos “esclavizado”, “esclavo” e “esclavización”, assim definindo-os: escravizado refere-se à primeira geração de africanos enquanto a segunda geração se define como escravos; para o trabalho escravo, na atualidade, temos escravização (SANTOS, 2015).

Tais conceitos, inteiramente relacionados ao imaginário escravista e à sua condição diaspórica e identitária – sobretudo no eixo Europa-América-Africa - conferem ao diálogo entre literatura, memória e tradição, uma importante configuração política, econômica, histórica e cultural do imaginário negro face ao tráfico e às realidades encontradas nos países desse triângulo geográfico, provocando, e, ao mesmo tempo permitindo esclarecer em consequência, profundas e dolorosas mudanças para aqueles que cruzaram – ou foram levados a cruzar – as águas do Atlântico.

Sob esse aspecto, é fundamental apontar as reflexões contemporâneas acerca das noções de espaço, alteridade, fronteira, universalidade, história, literatura e transculturação, visam a uma correlação dentre essas mesmas na perspectiva de entendimento das diferenças e das identificações, dentro de uma formulação do reconhecimento de nós mesmos, sujeitos de identidades híbridas, mestiças, africanas mas fronteiriças e latinas. Enfatiza Walter MIGNOLO (2003), que um novo conceito de razão está se construindo com vista aos *loci* diferenciais de enunciação, o que significa *um deslocamento das práticas e das noções de conhecimento, ciência, teoria e compreensão articuladas no período moderno*. Daí, a ulterior formulação reflexiva da colonialidade e saberes subalternos, ao elaborar a crítica das *histórias locais e projetos globais*: “os povos e comunidades têm o direito de ser diferentes

precisamente porque ‘nós’ somos todos iguais em uma ordem *universal* metafísica, embora sejamos diferentes no que diz respeito à ordem *global* da colonialidade do poder.”

Portanto, as substantivas observações de Daiana Nascimento dos Santos – ao considerar a África como um fio condutor de experiências dialógicas e intertextuais reconhecidas nas quatro narrativas que analisa, a saber: *A gloriosa família* (1977), do angolano Pepetela; *El reino de este mundo* (1949), do cubano Alejo Carpentier; *Changó, El gran putas* (1984), do colombiano Manuel Zapata Olivella e, finalmente, *Um defeito de cor* (2006), da brasileira Ana Maria Gonçalves – conduzem a uma leitura sobre as conotações da escravidão e suas confluências com as imagens da África, a partir de uma visada cultural que privilegia os entendimentos e questionamentos do passado e seus efeitos na atualidade. Tais narrativas, segundo a pesquisadora, oferecem uma leitura instigante, ultrapassando os conhecimentos do passado, elegendo novas urdiduras para o presente e o futuro, tecendo, portanto, a simultaneidade dos tempos no texto literário. São, conforme ainda a pesquisadora, narrativas que rompem com uma temática eminentemente histórica, recuperando deslocamentos, pontos de vista e relatos ficcionalizados, apresentando o passado histórico a partir de outro lado, de um olhar africanizado, resignificando representações e releituras de um discurso da memória com novas subjetividades, novas perspectivas e, sobretudo, com o olhar e entendimento da prática pós-colonial, do racismo, da exclusão e marginalidade social no contexto de uma sociedade moderna.

Tais narrativas conferem à sua escritura um contra discurso questionador, que ultrapassa as interpretações tradicionais, conduzindo a reflexões outras, que acarretam a observações em torno dos saberes históricos e da legitimação dos mitos, dos estereótipos e da configuração dos imaginários atuais, que eternizam o passado e suas conseqüências históricas e sociais. Trata-se, enfim, de uma pesquisa ancorada nos postulados dos Estudos Culturais e da “Nueva Novela Histórica” (NNH), que oferece uma renovada interpretação da história a partir de um olhar crítico – contemporâneo – sobre o passado.

Aliás, e à guisa de uma conclusão sempre inconclusa dado ao conteúdo renovador das observações apresentadas, o valor dessa obra se reveste de um profundo interesse, até mesmo de uma urgência investigativa, pois proporciona aos pesquisadores e aos novos estudos sobre o tema das questões diaspóricas e culturais uma visada lúcida, universalizante e plural da formação das identidades e dos discursos híbridos, insistindo, sobretudo, na necessidade, no respeito e substância experimentada por aqueles que viveram o(s) outro(s) lados

da(s)história(s) – muitas vezes obscurecidos pelo poder do discurso e trato hegemônicos do colonizador e da tradição cultural ocidental. *El oceano de fronteras invisibles: relecturas sobre (¿el fin? de) la esclavitud en la novela contemporánea* de Daiana Nascimento dos Santos trata, enfim, de um olhar aguçado, de uma narrativa sobre narrativas e recortes de um mundo contemporâneo sobre um mundo e uma vivência intemporal, marcada pelo exercício do sentir e do sobreviver nas linhas da poética da permanência, da sensibilidade, da inclusão e, sem dúvida, da humanização do estar-no-mundo.